

# “O iris também é Brasil”: marginalidade e homossexualidade em *Memórias da guerra* (1986), de Aguinaldo Silva

## “O iris também é Brasil”: Marginality and Homosexuality in *Memórias da Guerra* (1986), by Aguinaldo Silva

Tiago Calazans Simões  
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)  
tiagocalazanssimoes@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-2285-216X>

Valéria Amim  
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)  
amim@uesc.br  
<https://orcid.org/0000-0001-8856-1889>

**RESUMO:** Compreendemos o livro *Memórias da guerra* (1986) como um texto marginal do escritor Aguinaldo Silva. A narrativa transita entre o testemunho, a ficção e o jornalismo, refletindo a trajetória do autor como editor do *Lampião da Esquina* (1979-1981), jornal homossexual do qual fez parte. O texto apresenta as memórias do narrador em sua fase como morador da Lapa carioca, vivenciando os momentos finais da reurbanização do bairro na década de 70, descrita como um empreendimento contra os sujeitos marginalizados que ali residiam, tidos como perigosos para o corpo social. Na análise, buscamos viabilizar o resgate da memória do escritor, repórter e ativista homossexual que teve sua produção literária menosprezada pelo moralismo da crítica e do regime militar (1964-1985). O livro analisado possibilita um olhar privilegiado da temática homoerótica na “fase” marginal do autor em estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ditadura militar; História e Memória LGBT; Lampião da esquina; Literatura marginal.

**ABSTRACT:** We understand the book *Memórias da Guerra* (1986) as a marginal text by the writer Aguinaldo Silva. The narrative moves between testimony, fiction, and journalism, reflecting the author’s trajectory as an editor of *Lampião da Esquina* (1979-1981), a homosexual newspaper he was part of. The text presents the narrator’s memories from his time as a resident of the Lapa neighborhood in Rio de Janeiro, experiencing the final moments of the area’s redevelopment in the 1970s—described as an enterprise targeted against the marginalized subjects living there, who were seen as a danger to the social body. In our

analysis, we seek to enable the recovery of the memory of a writer, reporter, and homosexual activist whose literary production was undervalued due to the moralism of both literary critics and the military regime (1964-1985). The analyzed book provides a privileged insight into the homoerotic question in the marginal “phase” of the author in question.

KEYWORDS: Military Dictatorship; LGBT History and Memory; Lampião da Esquina; Marginal Literature.

## Introdução

Para adquirir um exemplar de *Memórias da Guerra* (1986), de Aguinaldo Silva, é necessário recorrer a sebos. Este livro, assim como grande parte de sua obra de ficção e memórias, não foi reeditado nem conta com versões digitais disponíveis. Essa ausência evidencia um silenciamento por parte da crítica literária sobre o autor. Em contraste com seus textos literários, seus escritos jornalísticos são facilmente acessíveis em acervos digitais e pesquisas acadêmicas. Eles estão presentes no *Lampião da Esquina*, primeiro jornal homossexual de tiragem nacional do Brasil, que circulou entre 1978 e 1981. A preservação desse material deve-se à importância do periódico para a história e a memória do ativismo LGBT. As edições da publicação podem ser encontradas nos sites do Grupo Dignidade e do Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual (IBDSEX).

Este recorte visa colaborar com os (ainda tímidos) esforços de resgate da fortuna crítica da obra literária de Aguinaldo Silva, na expectativa de reacender a permanente discussão sobre arquivos que, como o nosso, não desfrutam de plena circulação. Acreditamos que abordar a literatura “esquecida” que retratou vivências LGBT no período pós-64 pode fomentar reedições e iniciativas que revisitam o passado sob a ótica das apropriações queer (Castro *et al.*, 2022). Trata-se de valorizar e retomar a discussão de temas pertinentes à população LGBT na literatura, sob novas perspectivas inclusivas. Esse conjunto de textos é fundamental para estudiosos, ativistas e gerações de cidadãos LGBT interessados na construção histórica de uma política autoafirmada e comunitária. É imperativo garantir o estudo, o acesso, a divulgação e a análise crítica dessas obras, uma vez que, atualmente, livros com tal temática são alvo frequente de polêmicas quando surgem em feiras literárias, bibliotecas escolares ou listas de vestibulares. Nesse contexto de assédio constante, a população LGBT segue enfrentando estigmatização, já que todo avanço de seus direitos é instrumentalizado como pauta política para a promoção de discursos de ódio. Retomar essa discussão na literatura é convocar a crítica qualificada a traçar pontes entre passado e presente, construindo uma resistência que alicerce um futuro de igualdade e diversidade.

O livro *Memórias da Guerra* (1986) foi publicado após o encerramento do *Lampião da Esquina* em 1981, devido a divergências sobre a linha editorial. Os capítulos de sua segunda parte são textos do autor originalmente publicados no jornal, onde atuou como editor e jornalista, e que foram transpostos para o livro na íntegra. É provável que, naquele contexto de repressão, o autor acreditasse que o livro ofereceria um registro mais duradouro que o jornal<sup>1</sup>, o que sugere uma motivação documental e testemunhal por trás dos fatos narrados.

O autor presta homenagem às memórias da Lapa marginal ao colocar no centro da narrativa os encontros e desencontros entre “os travestis, as putas, os canasduras do quinto distrito, os garçons da leiteria Bol, os mendigos cheios de ricas feridas e luxuriosos andrajos, os michês e, principalmente, a legião de ratos e baratos que nos persegue constantemente a todos nesses textos” (Silva, 1986, p. 8). Tais memórias abordam as formas de sociabilidade dos habitantes do bairro por um viés crítico, expondo a resistência cotidiana de pessoas que, mesmo sem formação política, buscavam existir sob, e a apesar de, um regime militar que não compreendiam plenamente. Conforme afirma o narrador no prefácio de *Lábios que beijei* (1992), livro no qual retoma parte de suas memórias da Lapa, esta não é uma narrativa filtrada pelas lentes polidas da classe média intelectualizada sobre os anos do cassete. Essa característica o torna um texto fundamental para a história e a memória da população LGBT no Brasil, por retratar uma faceta de seus modos de resistir à marginalização e à violência sofridas no contexto da ditadura militar de 1964-1985.

O diferencial deste texto em relação a outras obras do período é sua elaboração crítica ao status quo homofóbico. Embora este já estivesse estabelecido antes do golpe de 1964, foi durante a ditadura que recebeu uma sólida estrutura teórica, doutrinária, religiosa e policial. Esses discursos e práticas, que ganharam corpo em uma perspectiva de combate à homossexualidade e à “imoralidade” na época (Quinalha, 2017), podem ser amplamente observados em *Memórias da Guerra* (1986). O escritor marginal e jornalista do *Lampião da Esquina* produziu uma literatura que honrou o ativismo homossexual de seu tempo. No contexto da narrativa, o narrador-personagem figura como uma das poucas testemunhas do conflito, responsável por registrar uma versão dos fatos — o que o configura como um ativista incansável dos direitos humanos, perfil que também se aplica aos demais editores do periódico. Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado: *Contestação e resistência aos anos “mal-ditos” do regime militar (pós-1964) na*

---

<sup>1</sup> Se a ideia foi essa, o futuro se mostrou diferente, afinal, o jornal está hoje num acervo de pesquisa digital, enquanto o livro, ao menos até o momento, permanece esquecido em sebos.

escrita literária de Aguinaldo Silva (2020). Nela analisamos os aspectos históricos, políticos e estéticos das múltiplas nuances que rondam a biografia do escritor e sua literatura, que foi parcialmente deixada de lado, seja por sua ascensão como romancista, seja pelo abandono da discussão política engajada sobre a homofobia.

A forma como o escritor enfrentou os conflitos e tensões com o regime militar, para além de sua postura queer latente (Louro, 2018), assemelha-se às narrativas de ex-guerrilheiros de esquerda, estudantes e militantes que atuaram na resistência à ditadura. Se a resistência política armada coube aos chamados subversivos, no campo do moralismo houve intelectuais e ativistas que ousaram defender a luta “homossexual” — termo que, à época, designava o coletivo de sujeitos que hoje compõem a sigla LGBT e suas variações — por meio de um ativismo intenso, pautado pelas frentes editorial, intelectual, cultural e política que marcaram os anos de publicação do *Lampião da Esquina*. A intensa atividade do periódico pode ser encontrada em diversos textos, como *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil. Da colônia à atualidade* (2018); *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do Século XX* (2019). Além dos mais recentes: *Ditadura e homossexualidades: Repressão resistência e a busca da verdade* (2018) e *História do movimento LGBT no Brasil* (2018), que apresentam questões fundamentais para dilemas da comunidade no presente.

Neste recorte, destacamos a perseguição do regime militar com as aglomerações homossexuais na zona urbana carioca, a Lapa, local de “combate” contra a “imoralidade” e a “vadiagem” vociferada pelas políticas de repressão estatal (Quinalha, 2017). Seguimos as preocupações estético-literárias apontadas por Fernandes e Schneider (2017), que denunciam o silenciamento do cânone literário acerca de obras e autores que tematizaram vivências e histórias de cidadãos LGBT. Como consequência da repressão, durante o regime militar, não apenas houve literatura censurada, como também a tentativa de censura do *Lampião*. O periódico encabeçado por intelectuais e jornalistas assumidamente gays conseguiu unir demandas intelectuais e populares, apesar de voltada ao público homossexual, também abordava debates emergentes sobre sujeitos marginalizados: negros, mulheres e indígenas.

As mesmas preocupações que marcaram sua atuação no jornal fizeram-se presentes na escrita literária de Aguinaldo Silva, antes de ele se tornar um consagrado romancista da Rede Globo. Acreditamos que a urgência em resgatar esse momento intenso e produtivo de sua carreira surge em um contexto de reivindicação de direitos por sujeitos LGBT que ainda não gozam de cidadania plena.

## “Descobrimo” a presença homossexual no Brasil

Identificamos no livro *Memórias da guerra* (1986) um *leitmotiv*<sup>2</sup> que tem por desejo registrar um recorte do contexto da repressão moral do regime militar vivenciado na Lapa carioca. A articulação entre o discurso moral e o político se materializou nas ações de modernização do bairro central, com o objetivo de remover dali todo um coletivo de sujeitos e sociabilidades que historicamente consolidaram a Lapa como um bairro boêmio e marginal durante boa parte do século XX. Nesse contexto, o narrador maldito afirma ser um Jean Genet da Lapa, com a pretensão de documentar suas memórias junto às figuras marcantes com as quais conviveu na Lapa, território “que estava com os seus dias contados”. Justamente por saber disso, o narrador se desloca para lá, com sua máquina de datilografia, para captar o fim da história da boemia marginal do bairro, que passava por transformações que se aprofundaram a partir dos anos 1970 com a reurbanização do Centro para a construção do Metrô:

Aquela época eu tinha 22 anos, acabara de ler Jean Genet e fora morar no sobrado número 46 da Rua Visconde de Maranguape, na Lapa, para testemunhar – como eu costumava dizer, orgulhoso e tolo o fim do bairro (o quarteirão onde morava foi derrubado em 1970 para dar lugar a uma avenida). (Silva, 1986, p. 15)

Este foi o seu ousado projeto de escrita durante a sua fase de escritor-marginal, na qual se encontrava engajado por sua visão de repórter investigativo. É relevante ressaltar que ele é um escritor sem formação acadêmica e que não veio dos setores da classe média. Sua visão de mundo crítica se baseava nas leituras que fez, na maioria das vezes, por curiosidade e desejo próprio, como descreve em *Meu passado me perdoa* (2024). Além disso, sua formação crítica foi cindida entre leituras literárias e sua vivência como homossexual afeminado nas praças do centro de Recife, onde ele e sua turma de arlequites<sup>3</sup> já eram perseguidas por jovens da classe média do Recife, os filhos dos usineiros da cana-de-açúcar. Essa dualidade o coloca numa posição de crítico da moralidade da classe média, representada pela figura tradicional do intelectual brasileiro. Esse diferencial enquanto

---

<sup>2</sup> O termo *leitmotiv*, que em português pode ser traduzido como “motivo condutor”, consiste em um tema ou ideia musical que aparece constantemente no decorrer de uma obra. Por nós ele é traduzido como um projeto, uma repetição de temas, que parecem ser a potência condutora a unificar a obra do autor em questão.

<sup>3</sup> Nome dado por ele, no livro *Meu passado me perdoa* (2024), ao grupo de jovens gays afeminados com o qual conviveu durante a adolescência em Recife. Ali ele aprendeu a ter uma visão autoafirmada sobre sua orientação sexual e identidade masculina diferenciada, bem como a se defender dos perigos da homofobia social.

escritor e intelectual é destacado como — aparente — justificativa para a escrita de seus textos de memoriais anos mais tarde, em 1992, quando publica *Lábios que beije* (1992), livro no qual retoma suas memórias da Lapa:

Em 1968, enquanto algumas peruas fúteis e seus maridos, brochas e analisados, viam do alto das suas coberturas em Ipanema a banda tocar desafinado lá embaixo, o resto do país tentava entoar a canção pouquíssimo estridente da sua própria vida. Eram raros os bem-aventurados que tinham capacidade de sentir no cerne os fatos sociais. Pois estes, em suas várias e complexas formas, aconteciam muito longe desses privilegiados, e seus protagonistas eram pessoas que nada sabiam sobre política: simplesmente viviam. [...] Havia seres que também amavam, sofriam, que nem ao menos sabiam que os militares mandavam no país. (Silva, 1986, p. 196)

O horizonte da crítica literária encontrava-se refém dos discursos e enquadramentos da moralidade vigente, por isso, diante dos círculos acadêmicos tradicionais, havia dificuldade em reconhecer produções de temática homoerótica e legitimá-la como literatura. A marginalização e o preconceito contra pessoas homossexuais foram um aspecto pouco observado pela crítica, o que colaborou com o silenciamento da discussão, que não concebeu a importância da questão das sexualidades marginalizadas em seu horizonte analítico.

Contrariando essas lacunas, em seus romances e livros, Aguinaldo Silva preocupou-se com os marginalizados pela “política de segurança sexual” (Cowan, 2014) que havia sido erigida pelos integralistas e fortalecida pelos ideólogos e apoiadores do regime militar. Em sua fase de escritor marginal, seus textos expuseram um Brasil não abordado pela retórica oficial, que relegava a presença homossexual à exclusão e violência. Afinal, para o militarismo, a homossexualidade representava a “corrupção moral”, uma “ameaça à juventude” e ao Brasil cristão evocado pelo discurso nacionalista (Quinalha, 2017).

A condição de tabu da temática colocou a prática homossexual como algo a ser escondido, valorando-a como maldita, algo que não deve ser sequer mencionado. Motivado por essa lacuna, o narrador-personagem de *Memórias da guerra* (1986), parte para investigar nos banheiros do cinema Iris (ponto de encontro *gay* na Cinelândia), a existência de pichação maldita: “O IRIS TAMBÉM É BRASIL”. No contexto da narrativa, essa simples frase questiona, rasura e implode todo o mito de fundação moral da nação Brasileira, justamente por desmascarar o empenho do Estado em esconder este “outro” Brasil, o não oficial: o dos guetos da experimentação homossexual e da sexualidade pungente nas ruas e esquinas

da Lapa carioca — e que se espalhavam por praças, cinemas e banheiros de todas as capitais do país. Passível de ser facilmente acessada por todos aqueles que não eram seguidores do provérbio “boa romaria faz, quem em sua casa está em paz”.

No capítulo de abertura do livro, “nas matinês no cinema Iris”, o narrador nos apresenta um jovem Aguinaldo Silva de 20 anos, recém-chegado à Lapa, no que seria provavelmente uma de suas primeiras experiências em locais de encontro homossexual na capital carioca. As “paisagens” de “pegação” são descritas pelo narrador entre o medo e a admiração, enquanto ele investiga o cinema em busca do banheiro no qual soube estar localizada a famigerada inscrição:

Mais alguns passos pelo corredor escuro e pude ver, sob a luz avermelhada que indicava ‘homens’, um bombeiro, devidamente fardado, a esmagar contra a parede um vulto que gemia, que pronunciava palavras impublicáveis, aquelas que em família não se diz. (Silva, 1986, p. 17)

No contexto de sua busca, o narrador afirma ter sentido “cheiro de morte”, expondo o clima de suspense e tensão vivenciado por ele, que de cena homossexual conhecera apenas a praça “quem-me-quer” no Recife, “só sentira um cheiro igual uma vez, antes, no necrotério do recife” (Silva, 1986, p. 18). O narrador continua a desbravar o terreno de sua “pesquisa de campo”: “tentei abri-la, mas como se adivinhasse o meu gesto, alguém, do lado de dentro, se antecipou — uma bicha alta e negra, que foi logo anunciando: — Eu sou a porteira” (Silva, 1986, p. 18). Conforme Green (2019) e outros pesquisadores que se debruçaram sobre o fenômeno da homossexualidade nos centros das capitais, certos locais como banheiros públicos, praças noturnas e cinemas foram majoritariamente frequentados pelo público masculino que os utilizavam como ponto de encontro para o “pecado nefando”. Esses lugares serviram como espaço de descobrimento de muitos daqueles que ainda começavam a entender seu desejo sexual estigmatizado, portanto são imagens recorrente na literatura contemporânea que de temática homoerótica durante todo o século XX.

A narrativa de sua caminhada pelo cinema, aos poucos descortina um Brasil diferente daquele apregoado pela moralidade cívica, detonando as bases da “sagrada família” brasileira ao narrar as relações de sujeitos que vivem nos subterâneos da moral<sup>4</sup>: “seis, oito, dez pessoas se manipulavam, apalpavam e exami-

---

<sup>4</sup> Termo utilizado por Afonso-Rocha e Mitidieri (2019), no texto “Bichas inauguram a utopia: resistência homoerótica na literatura lampiônica”.

navam com uma curiosidade quase científica” (Silva, 1986, p. 18), cenas descritas pelo autor com riqueza:

Dos três banheiros, dois estavam de portas fechadas, e deles vinham estranhos ruídos, uivos, gritos, imprecações. O terceiro, com a porta aberta, mas igualmente ocupado, era palco de uma cena que atraía vários curiosos que, amontoados à porta, a tudo assistiam. A fumaça, os sons, a luz amarelada, o rosto impassível das pessoas — o mesmo rosto, tudo igual —, tudo isso me assustou mortalmente, e eu já pensava em recuar, voltar ainda dos degraus e fugir dali, mas a porteira, que acompanhava cada um dos meus passos, já se postara habilmente contra a porta, e quando eu me voltei ela disse, numa voz sibilante: “pode entrar, meu bem, não tenha medo”. (Silva, 1986, p. 18)

A curiosidade investigativa do narrador-personagem em se embrenhar por esta aventura no cinema Iris — em meio ao pânico e a curiosidade de jovem do interior — parece seguir os mesmos questionamentos apresentados pelo narrador-personagem de um romance escrito anteriormente *No país das sombras* (1979): “aquela estranha gente que eu fora descobrindo [...] teriam sido o que hoje se chama de ‘as origens da nacionalidade’? Não, eu me recusava acreditar” (Silva, 1979, p. 70). A descoberta de que “O Iris também é Brasil” é realizada com um tom menos irônico e parece levar o autor à sua busca pelos “fenômenos aparentemente negligenciáveis da história” (Ginzburg, 1989, p. 10), à qual acrescento, oficial. No percurso até o banheiro, ele vai reencontrando outros vestígios das origens de nosso país, os desejos e identidades de “forças” presentes, desde os primórdios da colonização portuguesa, que são tematizados no romance de 1979. No romance de 1979, o narrador-personagem, um pesquisador, tenta desvendar uma realidade sufocada, marginalizada e escondida pelo pacto entre o poder militar e a religião católica, a união entre política e religião. A matéria que motiva sua escrita é o ponto de articulação da ação dessa ideologia moral com a política, um dos pilares de sustentação do regime militar. Como produtos dessa articulação, temos o discurso político, conservador, autoritário, higienista e fundamentalista religioso que fizeram parte da retórica do regime militar.

Essa mesma intuição parece guiar o escritor pelos cantos escuros do cinema Iris. É assim que chegamos ao desfecho do capítulo, quando os olhos do narrador “encontravam, afinal, a frase — que àquela altura a mim já não dizia nada: negras, enormes, escritas por uma mão firme e decidida, as letras informavam: “O Iris também é Brasil” (Silva, 1986, p. 19). Esse capítulo do livro faz justiça ao empreendimento da estética marginal do escritor, que narra em sua literatura sujeitos

que “não existem” aos olhos da normalidade: “dezenas de pessoas que nunca poderiam sair à rua durante o dia sem serem apedrejadas” [...]. (Silva, 1986, p. 13). Compreendemos a imagem evocada pela frase, como um esforço agenciado pelo narrador de afirmar que aquele lugar e sua sociabilidade também compõem a diversidade do Brasil, sua parcela censurada, posta nos guetos da moral, e que ilustram, dentre tantas outras coisas, um Brasil violentado, perseguido e abandonado.

## As memórias da guerra

Em *Memórias da guerra* (1986), o narrador-personagem testemunha a história da parte mais fraca na disputa entre o Estado e os marginalizados pelo moralismo do regime militar no Rio de Janeiro: os antigos moradores da Lapa. O autor narra a resistência dos últimos suspiros do local e seus moradores contra sua modificação higienista, parte de um projeto de modernização elitista que destruiria não apenas uma parte histórica do bairro, mas também a presença de toda uma classe de “subcidadãos” que incomodava o poder público e a classe média. Essa associação é explícita no trecho do capítulo “Pavana para Twist (A agonia da Lapa)”, no qual o narrador metaforiza os últimos suspiros da trabalhadora sexual, Twist, com os últimos momentos do bairro, que estava sendo demolido pelo “poder pudico”:

Twist morria no bairro que fora seu nos últimos cinco anos, enquanto arquejava, arquejava e gemia, ela mais e mais se aproximava da paz que seria aquela morte — que, no entanto, ela rejeitava —, e o próprio bairro sobreviveria por pouco tempo à sua agonia. (Silva, 1986, p. 27)

O que o narrador-personagem apresenta aos leitores é um testemunho dos últimos suspiros da Lapa, por isso o livro é definido em *Protesto e o novo romance brasileiro* (Silverman, 2010) como um romance-reportagem, nomenclatura que une ficção e documentação dos fatos da realidade. Concordando parcialmente com essa nomenclatura que subestima o potencial biográfico e memorial da obra, observamos que o livro agencia o tom testemunhal ao narrar os fatos, ora de forma romaneada, ora jornalística, sendo ambas colocadas pelo narrador de forma propositalmente dúbia e ambígua. Isso torna visível a ação testemunhal de seu trabalho, a história de uma Lapa que teve sua paisagem social modificada pelo higienismo da “moralidade urbanística” do regime militar.

O narrador não se coloca apenas como testemunha<sup>5</sup> *testis*, ele está presente no calor da marginalia da Lapa, da qual se fez figura ativa, o que o torna também uma testemunha *superstes*. Na época, para justificar essa afirmação, o narrador-personagem chega a participar de atos que “justificassem” o modo maldito como a sociedade o via, no caso, um assalto: “Assim, o convite que o Adolfo me fez naquela noite [...] Por que você não sai comigo amanhã? A gente arrocha um cara qualquer, levanta uma grana [...] na manhã seguinte eu lhe disse que aceitava” (Silva, 1986, p. 23). O ato representa sua tentativa de não ser apenas um escritor intruso, forma como era visto pelos seus companheiros de lapa, afinal, quando ele chega no Rio de Janeiro, já era a “escritora”, alcunha como o narrador refere-se a si mesmo. O apelido atribui a ele uma identidade relativamente diferente da forma marginalizada como ele e seus colegas arlequetes viveram no centro de Recife. No entanto, apesar dos seus esforços para ser não apenas um escritor marginal, mas também marginal no contexto dos seus companheiros, percebe que a vida de roubos não é para ele. João Antônio Mascarenhas destaca a postura do autor, na assinatura das orelhas do livro:

Agualdo não descreve os enfiados e escondidos do submundo como um escritor vindo de fora, a passeio ou a turismo. Ele é um deles, não está em. É indissoluvelmente, pela biografia e pela alma, acima de convicções intelectuais. Por isso, a sua ótica de olhar essa classe lesada convence na medula, é comovente. (Silva, 1986, orelha do livro)

A transformação do espaço físico da antiga Lapa é narrada em paralelo à desocupação de seus “tradicionais” moradores, sujeitos que, por serem desprestigiados da sociedade, são estabelecidos pela inteligibilidade social na zona do não humano (Butler, 2015; Carneiro, 2005). O que os impede de encontrar “acesso à voz” necessário para a representação e crítica de suas próprias realidades, função que será tutelada pelo narrador engajado, que se sente no direito de fazê-lo justamente por sua formação não tradicional na condição de escritor engajado e marginal:

Por que se escreve um livro como esse? [...] Por que alguém, em seu juízo perfeito, vai achar que esse período da minha vidinha à margem da lei é relevante? [...] Não por meu esforço pessoal, mas pela própria maneira de ser de cada um deles, Débora, o Alemão, Daniela, Eduardo, Vera Regina, Twist e o soldado Bentes são figuras cuja relevância ninguém ousaria contestar. [...] o autor sen-

---

<sup>5</sup> Os dois tipos de condição testemunhal conforme Benveniste (1969) são: a) o *testis*, testemunho daquele que viu e testemunhou a cena dolorosa e b) o testemunho *superstes*, aquele que viveu e testemunhou sua própria experiência.

tia necessidade de traçar um retrato dessa época, do seu ponto de vista e através do perfil do que a viveram com ele. (Silva 1986, p. 195-196)

Os livros de Aguinaldo Silva, abordados neste recorte, podem ser considerados exceção aos livros críticos do período pós-1964, pois narra os fatos sob uma ótica de oposição ao discurso moralizante da época, e não apenas o político. O escritor priorizou um ângulo não quisto pelo ativismo social e a militância política da época, que estava imersa nos padrões da moral sexual patriarcal e heterossexual. Nesse contexto, em diferentes momentos de sua carreira, o escritor teve sua voz perseguida e abafada: a) durante sua prisão ilegal, discutida por nós no artigo “45 dias na solitária por ser homossexual: homofobia e estado de exceção na prisão política de Aguinaldo Silva” (2024); b) nas tentativas de censura que sofreu ao longo de seu trabalho como escritor e jornalista, tema abordado por Sandra Reimão no artigo “Aguinaldo Silva, um escritor censurado” (2009); c) também na lacuna da crítica acadêmica da época em que seus livros foram publicados, que desconsiderou sua contribuição literária no período pós-64.

É importante destacar que alguns jornais da década de 1960 o consideravam um “escritor consagrado”, nas palavras do escritor e crítico Antônio Olinto: “A presença de Aguinaldo Silva na literatura brasileira da década de 60 corresponde a de Jorge Amado na de 30”<sup>6</sup>. Seguindo o raciocínio de que o autor teve sua atuação literária, jornalística e ativista menosprezada pela crítica, no campo do jornalismo, o próprio escritor comentou sua exclusão dentro nas redações de jornal, afirmando que a qualidade de seu trabalho foi desqualificada por sua orientação sexual:

Modéstia à parte, eu era muito bom como jornalista, mas, ao mesmo tempo, eu era gay, assumido e declarado. E nas redações não havia lugar para esse tipo de gente. Por isso havia gays que criavam todo um mistério em torno de si mesmos para sobreviver<sup>7</sup>.

A retomada desses textos garante o registro de um lócus de fala homossexual, demarcando opiniões divergentes dentro da própria literatura marginal. Essa “camada extra” de marginalidade torna a análise de sua obra — esquecida pela crítica literária — urgente e atual. Retomar a potência crítica de Memórias da guerra (1986) nos dias atuais é proliferar válvulas de escape poético-literárias contra o

---

<sup>6</sup> Afirmação feita pelo crítico Hermenegildo de Sá Cavalcante no texto de introdução ao livro *Canção de sangue* (1968) intitulado “Aguinaldo Silva, um escritor zangado”.

<sup>7</sup> Entrevista “Não confiavam em mim no jornalismo porque sou gay”, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariada-folha/ult10082u731304.shtml>.

abandono da memória marginal e homossexual da Lapa carioca. A perseguição a pessoas marginalizadas pela “normalidade” desvela uma moral vigente desprovida de valores como solidariedade e cooperação. Essa crítica materializa-se na negação de atendimento médico a Twist, uma trabalhadora sexual da Lapa: “A ambulância [...] não viera — quem iria se preocupar com uma piranha que estava morrendo num dos poucos sobrados ainda de pé naquele local a que, apenas por tradição, ainda se chamava a lapa?” (Silva, 1986, p. 31).

Esse higienismo urbano é percebido pelo narrador, que constata que tudo ali será destruído, à exceção de uma catedral inacabada, que se manterá preservada como símbolo da tradição cristã. Dessa forma, a engenharia, em seu caráter eugênico, escolhe quais histórias serão preservadas e quais serão destruídas, consolidando o mito de que sempre fomos uma nação religiosa:

Debruçado no pedaço de janela, eu observava a ruína monumental do outro lado, a catedral inacabada, e pensava que ela, sim, jamais cairia (embora fosse eternamente uma ruína), que nós fôramos sacrificados por sua causa, mais do que urbanismo, era a moral cristã o que sitiava a Lapa, eram os ranços moralistas da sociedade patriarcal-burguesa, e fora esta o que causara a sua desgraça e a sua queda. Eu observava aquele monumento à nossa lenta agonia, imaginava quanto sangue e suor teriam sido necessários para construí-la, ah, a civilização cristã ocidental e suas pirâmides, eu quase podia sorrir enquanto pensava nisso, sinceramente o faria, se o cheiro de morte que vinha lá de dentro — e *Twist* arquejava, gemia — não me entrasse com tanta sofreguidão pelas narinas (eu também morria um pouco). (Silva, 1986, p. 32)

A narrativa transforma o espaço dessas vidas breves e fugazes<sup>8</sup> em lugares de memória (Nora, 1993). Um arquivo para que não se esqueça dessa Lapa povoada por pessoas marginalizadas, cujos corpos o Estado desiste de “resgatar” e resolve sepultar de vez. Não eram apenas os tijolos e as construções da Lapa que estavam sendo derrubadas, mas também um lugar ocupado por grupos sociais e modo de vida não heteronormativos. Ao narrar suas memórias, o narrador materializa, por sua condição marginal, “corpos que não importam”, vidas breves e desimportantes, histórias que não eram consideradas exemplares para os “cidadãos de bem”. Assim, a mendiga Paulista, aparece como espécie de monumento vivo daquele

---

<sup>8</sup> “A maioria das pessoas que eu conheci na Lapa desapareceu. Eles viviam com muita intensidade, ninguém se poupava; eu sentia muito amor por aquelas pessoas, mas elas foram morrendo... não sobreviveram para relatar suas histórias. [...]” Trecho do texto “Memórias da marginalidade na lapa de Aguinaldo Silva”, disponível no *Jornal da Tarde* (05/03/1991).

lugar cujos “moradores da lapa se consideravam humanos” (Silva, 1986, p. 30), consagrando a figura de uma pessoa em situação de rua “sem o menor pudor”:

[...] que, nas raras horas de sobriedade se apresentava como ‘uma senhora nascida no Braz’, e que, quando mal-humorada, postava-se na esquina, **imóvel como uma estátua**, o vestido levantado até o busto e sem qualquer outra peça de roupa a esconder a nudez, a exhibir o que ela chamava de sua *quiquica*, uma coisa que os ocupantes dos automóveis, fascinados ou não, eram obrigados a ver. (Silva, 1986, p. 29, grifo nosso)

Segundo João Antônio Mascarenhas (também editor do *Lampião*), Aguinaldo Silva “É o **repórter marginal**, o **escritor-bandido**, o sambista, que se intromete aos supetões no espetáculo da chamada marginalidade com a ótica da marginalidade, e não do estabelecimento. Querendo-se, leia-se também [no lugar de estabelecimento]: da classe média” (Silva, 1986, orelha do livro, grifo nosso). Imerso na condição de narrar o submundo da retórica moralista, o narrador presente em suas obras não se apresenta de forma distanciada. Seu papel não era o de jornalista observador, tampouco era o do cientista social, mas sim de alguém que vivencia e reflete suas experiências no bairro. Um dos méritos do seu texto é deixar plasmar o registro de histórias sobre vidas que não tinham o poder de virarem histórias.

É válido destacar que no contexto de época, o narrador se descreve como um sujeito moreno e homossexual afeminado, que por vezes foi confundido com mulher. Apesar de ser diferenciado naquele espaço social por sua condição de escritor e jornalista, ele é um nordestino homossexual vivendo na metrópole, o que o leva a vivenciar uma condição desfavorável na hierarquia social e racial brasileira. É desse lócus marginalizado que ele articula suas visões críticas. Além do cunho testemunhal, o ensaísmo marca o seu texto com intrusões de pensamentos pessoais e intimistas, agregados às narrativas e opiniões sobre o contexto social e político no qual está imerso. Seu texto é sobretudo marcado por afetos, pois como afirma, conviveu com figuras mais interessantes que ele e diversas delas viraram personagens de sua obra. Essas memórias imprimem no narrador sentimentos saudosos:

Desde então, sempre que passo sobre os Arcos, no bondinho de Santa Teresa, me fecho dentro de mim mesmo, evito observar o que passa lá embaixo, naquele vazio em que, antes, existia a Lapa, ativa e cheia de vida como uma ferida que comesse avidamente a carne saudável à sua volta. Agora, aquele deserto: que meus olhos não vejam. (Silva, 1986, p. 33)

Em seus três textos assumidamente biográficos: *Memórias da guerra* (1986) e *Lábios que beijei: o romance da lapa* (1992), o autor reflete o caráter confessional de suas memórias afirmando que elas são, de certa forma, uma maneira de se reconciliar com o passado, prestando homenagem às pessoas com quem conviveu e que transformou em matéria literária desde o seu primeiro romance, escrito aos 16 anos, *Redenção para Job* (1961). Se por um lado *Memórias da guerra* (1986) parece ser um livro muito pessoal, por outro, as colocações do autor no prefácio alertam para os limites entre ficção e realidade. É a materialidade crua da marginalidade, a solidez das pessoas reais com quem conviveu, transmutadas agora em personagens do livro, que são mencionadas como instrumento de convencimento sobre a parcela de realidade que há no livro:

Verdades ou mentiras? Os travestis, as putas, os canasduras do quinto distrito, os garçons da leiteria Bol, os mendigos cheios de ricas feridas e luxuosos andrajos, os michês e, principalmente, a legião de ratos e baratas que nos persegue constantemente a todos nesses textos são a prova viva de que **tudo aqui narrado realmente aconteceu — embora nem sempre da maneira que eu preferi contar**. Mas, dignos leitores, nobilíssimos críticos, e, principalmente, honrados colegas escritores: quem neles haveria de acreditar? (Silva, 1986, p. 8, grifo nosso)

Dessa maneira, percebemos, por um lado, a disposição do autor em se colocar como “testemunha” de sua memória afetiva e por outro, em se colocar como narrador daquelas pessoas — e daquela Lapa que não existe mais — com a qual ele compartilhou a marginalidade, o olhar atravessado dos “cidadãos de bem”, utilizando sua condição privilegiada de escritor e jornalista para proceder o seu projeto. Essa escrita de projeto, que pode ser vista em quase todos os seus romances entre as décadas de 1960 a 1990, foi abandonada pela sua consagração num ofício mais lucrativo e menos engajado, o de romancista consagrado na Rede Globo de televisão. Nesse contexto, *Memórias da guerra* (1986) pode ser lido com seu texto mais marginal e engajado enquanto ativista da causa homossexual.

## Considerações finais

A forma como o autor, imbuído de um papel social e político, enfrentou os conflitos e tensões com os poderes assemelha-se às narrativas de guerrilheiros e estudantes da resistência ao regime militar. Afirmamos isso com base nas representações que sofreu durante esse período: a) Foi preso político em 1969 por escrever o prefácio de um livro sobre Che Guevara; b) Teve o livro *Dez histórias imorais* (1967) censurado em 1976, quase uma década depois, como represália por sua

atuação no Lampião da Esquina; c) Respondeu a um inquérito com base na Lei de Imprensa, enquanto redator do Lampião da Esquina, entre 1978 e 1979. Essa biografia revela as facetas de um ativista incansável dos direitos humanos e de um intelectual engajado, perfil no qual se enquadram também os demais editores do Lampião: Adão Acosta, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

As proposições sociológicas, histórico-documentais e ensaísticas conferem à narrativa um caráter híbrido. Nesse aspecto, os textos de Aguinaldo Silva funcionam não apenas como objeto de análise literária, mas também como um contraponto crítico. Em seu caráter ensaístico, a narrativa oferece chaves interpretativas para o momento histórico retratado, colocando em funcionamento uma epistemologia queer que também estava presente, de forma pungente, no Lampião da Esquina. Essa perspectiva pode ser útil para analisar outras obras literárias do período militar (1964-1985) que, ao retratar vivências LGBT, questionavam as ideologias e as formas de autoritarismo político e moral da época.

Essa crítica tem se consolidado em diversos campos do conhecimento, produzindo interpretações e sentidos que visam superar a homofobia social. É seguindo tais esforços que perscrutamos a literatura produzida por Aguinaldo Silva no contexto de sua atuação no pungente movimento homossexual da época. Foram esses pioneiros que pavimentaram as pontes atravessadas por gerações posteriores de cidadãos inconformados que rejeitam e resistem a todas as formas de preconceito. Esse ativismo não pode ser esquecido e precisa ser resgatado pelo trabalho da crítica e da memória. Neste recorte, escolhemos utilizar epistemologias e apropriações queer do passado, as quais nos permitem olhar para o período da ditadura militar localizando a narrativa como uma postura insubmissa e marginal perante o discurso da repressão moral.

Se hoje governos autoritários, neofascistas e fundamentalistas tentam censurar feiras literárias e livros didáticos por exibirem representações de casais LGBT, é porque, desde o passado, parcela da população era mobilizada por discursos de ódio contra homossexuais. Em outros casos, é comum que pedagogias, projetos e aulas que abordam a diversidade sexual virem alvo de exposição nas redes sociais por parte de políticos e militantes extremistas conservadores. Nesse contexto de enfrentamento à homofobia, observa-se que todo avanço nos direitos das minorias provoca uma reação violenta de certa parcela da população, que responde com preconceito e perseguição.

O campo literário deve se sentir constrangido por ter menosprezado, em algum momento, autores e temas devido a preconceito e moralismo. Nesse contexto, sua missão é empenhar-se para resgatar uma série de obras e narrativas que, se hoje foram esquecidas, é pelo preconceito da crítica e não por falta de qualidade estética ou literária. A análise da temática homoerótica na literatura do século XX, bem como a denúncia de seu silenciamento pela crítica (Fernandes; Schneider, 2017), lega ao presente a história de como a sociedade atuou para perseguir indivíduos e censurar questões LGBT. Tais análises proporcionam uma compreensão da transformação histórica das diversas formas políticas, religiosas e morais de censura e violência, servindo como lentes para perceber sua permanência ainda hoje.

## REFERÊNCIAS

AFONSO-ROCHA, Ricardo; MITIDIERI, André Luís. *Bichas inauguram a utopia: resistência homoerótica na literatura lampiônica*. *Raído*, v. 13, n. 32, p. 47-72, 2019.

BENVENISTE, Émile. *Vocabulaire des intuitions indo-européenes: 2. Pouvoir, droit, religion*. Paris: Les Editions de Minuit, 1969.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. Civilização brasileira, 2015.

CARNEIRO, Aparecida Sueli *et al.* *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 96-124, 2005.

CASTRO, Luciano Rodrigues; NEVES, Ana Paula de Castro; ABREU, Daniel Albuquerque de. *Apropriações queer do passado: pensando possibilidades a partir da experiência da Comissão da Verdade*. *Revista Aedos*, v. 14, n. 32, 2022.

COWAN, Benjamin. *Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar*. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 27-52.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque; SCHNEIDER, Liane. *Personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX — Uma leitura sobre corpo e resistência*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GREEN, James. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do Século XX*. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho — Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, *kindle* 2018 [2004].

NORA, Pierre *et al.* *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, 1993.

QUINALHA, Renan Honório. *Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1985)*. 2017. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. *Personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX*. 2017.

REIMÃO, Sandra. Aguinaldo Silva, um escritor censurado. *Intercom* — Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 32, n. 1, p. 209-222, jan./jun. 2009.

SILVA, Aguinaldo. *Dez histórias imorais*. Rio de Janeiro: Record, 1969.

SILVA, Aguinaldo. *Lábios que beijei*. São Paulo: Siciliano, 1992.

SILVA, Aguinaldo. *Memórias da guerra*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

SILVA, Aguinaldo. *Meu passado me perdoa*. São Paulo: Todavia, 2024.

SILVA, Aguinaldo. *No país das sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

SILVA, Aguinaldo. *Redenção para Job*. Rio de Janeiro: Editôra do autor, 1961.

SILVERMAN, Malcolm. *Protesto e o novo romance brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SIMÕES, Tiago Calazans. *Contestação e resistência aos anos “mal-ditos” do Regime Militar (pós-1964) na escrita literária de Aguinaldo Silva*. Ilhéus: UESC, 2020.

SIMÕES, Tiago Calazans; AMIM, Valéria. 45 dias na solitária por ser homossexual: homofobia e estado de exceção na prisão política de Aguinaldo Silva. *Revista Alere*, v. 30, n. 2, p. 233-254, 2024.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Recebido em: 01/10/2025

Aceito em: 11/01/2026

